

## CIÊNCIA E CONSCIÊNCIA DA PAISAGEM

Heliana Angotti Salgueiro

*"La riche et magnifique contrée, nommée par Humboldt le paradis des botanistes, cette immense région couverte de hautes montagnes découpée par des rivières et des champs toujours verdoyants, ombragée par des forêts vierges géantes, avec des rivages sablonneux parsemés d'une végétation spéciale, et baignée par les flots de l'Océan, cette contrée qu'on nomme le Brésil, où l'air est tantôt sec, tantôt humecté par des vapeurs aqueuses, où l'on trouve presque tous les climats de la terre et où toutes les plantes du vieux monde s'acclimatent, cette contrée splendide est aussi le royaume des Palmiers".*

João Barbosa Rodrigues, *Sertum Palmarum Brasiliensium*, Bruxelas, 1903.

A questão da paisagem foi o tema escolhido pelo Comitê Brasileiro de História da Arte e aprovado pelo *Comité International d'Histoire de l'Art* para o I Colóquio Internacional de História da Arte realizado no Brasil, na linha de uma tradição de vinte anos de congressos nacionais temáticos e colóquios sobre pesquisas em andamento. O tema supõe relações de interdisciplinaridade e suscita enfoques plurais, que vêm sendo objeto de publicações e encontros, nos últimos decênios. Acompanhei esse movimento intelectual na França entre 1985 e 1993 e, posteriormente, em viagens de pesquisa a esse país e aos Estados Unidos<sup>1</sup>; levantei bibliografia a respeito e mantive contatos com especialistas da área para sugerir, em 1997, a realização de um colóquio sobre as situações de confronto entre *Paisagem e Arte*, pois pareceu-me necessário abordar esses campos de pesquisa no Brasil sob ângulos inexplorados e perspectivas da atualidade internacional.

Embora existam, aqui, algumas publicações a esse respeito e grupos de reflexão interessados<sup>2</sup>, não há ocasiões frequentes de debate, nem revisões historiográficas e movimento editorial que dêem conta, seja da produção artística e textual em museus e bibliotecas, seja da variedade ou, ainda, da relativa "exuberância" paisagística do país. Choca-nos também a indiferença face aos crimes ambientais, que não podem mais ficar fora da discussão acadêmica. Por um lado, as representações pictóricas da paisagem brasileira, malgrado seu significativo número, têm motivado apenas trabalhos isolados, enquanto as exposições, exibindo imagens marcadas por uma fami-

1. Agradeço a Michel Conan, diretor do *Studies in Landscape Architecture*, em Dumbarton Oaks, Washington, a receptividade e as sugestões.

2. Um desses grupos inscreveu-se no colóquio, apresentando a mesa redonda "Visões múltiplas sobre a paisagem", coordenada por Heinz Dieter Heidemann (Geografia/USP), a quem agradecemos a participação.

liaridade aparente, raramente criam novas leituras. Por outro lado, a natureza que “resiste” em meio ao construído (refiro-me a cenários caóticos de metrópoles como São Paulo) continua a ser tratada como objeto – o “verde” escapa à observação de muitos compatriotas e divide o campo do céu com a poluição visual de painéis eletrônicos, postes e fios elétricos. Há ainda, certamente, um longo caminho a percorrer, tanto na “posse” e valorização da natureza quanto na percepção da paisagem pela cultura e por aqueles que decidem a sua sorte.

Frente às modificações nas estruturas e limites espaciais e morfológicos dos campos e das cidades, nos últimos decênios, e diante das pressões dos ecologistas, reconhece-se a importância vital da paisagem, que interessa a todas as áreas do conhecimento. Os historiadores da arte não poderiam, pois, permanecer alheios ou manter posições formalistas em relação às representações acumuladas nos acervos, restringindo-se aos seus aspectos descritivos e filológicos. Assim, no cenário internacional, muitos deles vêm participando de inúmeras coletâneas, revistas, colóquios e cursos de pós-graduação e têm compartilhado linhas de pesquisa abertas, para além das análises canônicas, “próprias” da sua disciplina<sup>3</sup>. Nessa linha de pensamento, um comitê científico formado por membros da Diretoria do CBHA, sob a coordenação de Ulpiano Bezerra de Meneses, ao elaborar o programa do colóquio, registrou uma postura clara em relação ao tema central: “... a paisagem enquanto construção cultural (...), não se tratando simplesmente de discutir a arte da paisagem, ou a paisagem na arte, nem de desenvolver qualquer encaminhamento historicista (voltado) apenas para a ordenação linear de informações”. O objetivo era “procurar identificar e compreender como a arte, em diversos contextos e situações históricas, participou da produção material e cultural da paisagem e como, em consequência, se formou e transformou o olhar com que as sociedades se apropriaram da natureza, especialmente pela representação”.

A discussão dos subtemas da relação *Paisagem e Arte* partiu da premissa básica histórico-cultural da *invenção da natureza* e da *evolução do olhar*, cuja estrutura conceitual desdobrou-se em sete sessões, levando em conta a paisagem diante da História, a análise de modalidades de figuração em áreas conexas e aquelas extensivas aos estudos do espaço e do território, à cidade, aos jardins, bem como ao patrimônio e à memória urbanos. Esses subtemas seriam referentes não só às representações estéticas da paisagem, mas também às práticas e usos que envolvem realidades vividas em diferentes países.

3. A História da arte no Brasil vem se fazendo a duras penas e de forma descontínua, conforme bem observou o professor Walter Zanini, fundador do CBHA, em texto que abriu o colóquio e que transcrevemos aqui; a relação entre paisagem e arte não seria a única a requerer pesquisas aprofundadas. Abertura de enfoques, porém, não é questão prioritária entre os historiadores; nesse sentido, remeto os interessados a uma crítica dos velhos métodos, relativa ao caso francês, mas que nos pode ser útil: Régis Michel, “De la non-histoire de l’art. Plaidoyer pour la tolérance et le pluralisme dans une discipline hantée par la violence et l’exclusion”. In: *David contre David, Actes du colloque organisé au Musée du Louvre - 1989*, publicado por La Documentation française em 1993. O próximo colóquio nacional do CBHA, no ano 2000, deve dar lugar a revisões interpretativas.

Pode-se, pois, considerar que, em cinco dias de intenso programa<sup>4</sup>, foram debatidas algumas idéias atuais sobre a questão da paisagem, em vários níveis de relações: o leitor encontrará, com certeza, nos textos ora publicados, uma amostra expressiva dessa gama de interpretações. Segundo avaliações emitidas durante e após o colóquio, perspectivas de intercâmbio institucionais foram sugeridas e proporcionou-se ao público presente, na sua maioria ligado aos cursos de pós-graduação, dados de bibliografia, elementos de reflexão e incentivo a novas linhas de pesquisa no país.

Como responsável pela coordenação desta coletânea de comunicações, segui estritamente, nas escolhas, os parâmetros que estabelecemos com alguns dos coordenadores de sessão: dentre os trabalhos apresentados no colóquio, selecionamos aqueles com maior pertinência aos temas e à sessão em que se inseriam, além de levarmos em conta originalidade e qualidade científica e metodológica. Os autores procedem de formações disciplinares diferentes mas afins: historiadores (não só de arte), arquitetos, engenheiros, filósofos, geógrafos, antropólogos, paisagistas, artistas plásticos, etc. – a maioria deles professores, alguns especialistas reconhecidos nacional e internacionalmente e alunos de mestrado ou doutorado. Optamos por não traduzir os textos, publicando-os nas línguas em que foram apresentados no colóquio (português, espanhol, francês e inglês), não apenas para conter custos, mas sobretudo para viabilizar uma possível circulação internacional da coletânea. Solicitou-se aos autores que respeitassem uma determinada configuração, dando-se a eles, ainda, oportunidade para rever e referendar ou reparar as versões preparadas para esta publicação. O resultado é este repertório variado de enfoques, bibliografia, estágios mais ou menos avançados de questionamento – as carências constituindo impulso para pesquisas futuras, as análises exemplares, incentivo para um maior grau de exigência. Tratando-se de temas de reinterpretação recente, parece-nos normal e salutar que uma série de questões sobre a história das representações que nos são próprias e sobre as singularidades culturais da criação e percepção da nossa paisagem tenham ficado sem resposta<sup>5</sup>.

As imagens do encarte organizam-se na mesma seqüência dos textos, sob o nome de cada autor; seu reduzido número justifica-se por várias razões: restrições de orçamento, opção de alguns autores, falta de autorização para reprodução, seleção de qualidade. Quanto à imagem da capa, logomarca do colóquio<sup>6</sup>, encontrei-a no Centro de

4. Dos 92 trabalhos aceitos, 58 foram apresentados no colóquio, além das conferências; os resumos de todos estão publicados no *Caderno de Abstracts*, distribuído por ocasião do evento.

5. No *Balanço crítico* que encerra este volume, Ulpiano Bezerra de Menezes, Presidente do CBHA, expressa sua opinião sobre os trabalhos apresentados.

6. Essa imagem seria o ponto de partida de uma exposição, projetada por mim para a abertura do colóquio, sobre as representações da palmeira, especialmente nos livros raros de botânica e outros suportes pesquisados nas coleções paulistas (exposição que não se concretizou por falta de patrocínio). Verdadeiro *lugar de memória* do Brasil, as palmeiras, tão presentes na paisagem do nosso dia-a-dia, passam por uma família comum, sem que saibamos reconhecer suas denominações ou diferenciá-las das espécies mais banais, embora, sem *exotismos*, constituam a mais bela e complexa das vegetações do planeta – basta observar sua “desconstrução” classificatória nas pranchas deixadas por C. F. P. von Martius.

Documentação do Museu d'Orsay, em Paris, dossiê "Brésil". Trata-se da conhecida alameda de palmeiras do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em gravura do litógrafo e ilustrador francês Dieudonné-Auguste Lancelot (1822-1894), desenhista de paisagens para publicações como *Le Magasin pittoresque pour les jardins* e *Le Tour du Monde*; segundo Benezit, Lancelot participou também de salões parisienses, expondo aquarelas. A gravura em questão, de rara qualidade, foi publicada no *grand-folio* de Arthur Mangin, *Histoire des jardins chez tous les peuples, depuis l'Antiquité jusqu'à nos jours*, em 1883. Inscreve-se na produção paisagística e classificatória dos viajantes (ou dos que trabalhavam com base em imagens feitas por eles e difundidas em suportes vários, como a fotografia e a gravura), responsáveis pela "redescoberta" do Brasil, sobretudo no século XIX. O maravilhamento, via Humboldt, de um João Barbosa Rodrigues, que teria na Bélgica o apoio para publicar seu *Sertum Palmarum...*, é ainda marcado por uma concepção nacionalista de culto à natureza (sabemos que o patriotismo romântico se apropriou do naturalismo, ao longo do século passado, destacando certas espécies como representações características do país) que deplorava o contraste entre a exuberância de sua paisagem e "o atraso das artes" ou "a ausência de pesquisas científicas para explorar as riquezas naturais"<sup>7</sup>. O deslocamento, o exílio, a distância trazem, em qualquer tempo, o que Augustin Berque denomina "raison paysagère"<sup>8</sup>, cujas motivações são não apenas histórica e circunstancialmente variáveis, mas também pessoais. Burle-Marx não foi o único a descobrir a flora tropical numa estufa, na Alemanha... Ao voltar para o Brasil, abriu os olhos para a singularidade da sua natureza.

Dos cenários pintados expostos nos museus ao ambiente caótico em que habitamos, esta coletânea traz dados sobre a ciência e a consciência da paisagem. Abordam-se temas da atualidade, como a cidade contemporânea, que certamente despertará interesse para além das fronteiras universitárias. Historiciza-se o olhar, a invenção da paisagem e sua transformação, bem como as relações entre a realidade formal urbana e a ontológica existencial – temas de Alain Roger e Augustin Berque, conferencistas convidados, considerados hoje, tanto na França como em outros países, como os maiores representantes da teoria culturalista da paisagem.

Não se trata de lamentar o paraíso perdido: a dinâmica da transformação é histórica e inerente a toda paisagem. Trata-se, sim, de estimular a atenção para as paisagens cotidianas, buscando uma relação mais harmônica e racional com elas. Para isso podem concorrer documentos figurativos e textuais de museus, arquivos e bibliotecas, que nos possibilitem conhecer melhor como se deram leituras e *artializações*

7. Expressões do século XIX citadas em trabalhos que desenvolvi sobre essa questão: "Da instrução pública e do nacionalismo". In: *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro/CREA, 1997, e "Le cosmopolitisme et la recherche du national". In: *La Casaque d'Arlequin: Belo Horizonte, une capitale éclectique au XIXe siècle*, Paris, Editions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1997.

8. A *raison paysagère*, que nada tem de universal, é uma relação cultural que liga o indivíduo às formas circundantes, fazendo-as *falar* aos sentidos, e, antes de tudo, à visão – segundo Augustin Berque, *Les raisons du paysage. De la Chine antique aux environnements de synthèse*, Paris, Hazan, 1995, p. 6-9.

da natureza, quem as representou e sob quais modalidades, confrontando imagens e práticas com o que foi estudado em outras situações espaciais e temporais. Esta seria uma das metas do colóquio e desta publicação: lançar a reflexão sobre *Paisagem e Arte* no país, a partir de exemplos vários, com as articulações e incompatibilidades que os dois termos possam sugerir.

Agradecemos a todos que apoiaram o evento e se interessaram por ele: comunicadores, convidados oficiais, membros do Comité International d'Histoire de l'Art, colegas de profissão daqui e de diversos países; aos associados do Comitê Brasileiro de História da Arte que coordenaram as sessões de comunicações: Luiz Marques, Myriam Ribeiro de Oliveira, Marília Andrés Ribeiro, Marta Rossetti Batista, José Liberal de Castro, Ana Maria Belluzzo, Maria Helena Ochi Flexor, Aracy Amaral; e especialmente a Maria Lúcia Bastos Kern e a José Augusto Avancini, que nos auxiliaram na seleção dos textos. O CBHA renova seus agradecimentos a Murillo Marx, diretor do IEB/USP, pela solidariedade em todas as etapas do projeto; contamos também com o apoio de Ivone Salgado (PUC-Campinas), Marlene Suano (USP), Sônia Gomes Pereira (EBA-UFRJ) e Maria Isabel B. Ribeiro (FAAP).

Somos gratos a Roberto Yokota, pelo projeto gráfico, a diagramação geral e o auxílio na intermediação eletrônica com os autores; e ainda às responsáveis pela preparação dos textos: Luciana Salgado (primeira revisão de português), Idália Morejón Arnaiz (espanhol), Maria Clara Cescato (inglês de autor não-anglófono), Rose Pires e Arlete Franco (emendas e padronização geral) e Cely Arena pelo apoio constante e a leitura desta apresentação e da minha comunicação; os textos em francês e inglês, bem como a *Abertura* e o *Balanço crítico*, foram revisados pelos respectivos autores.

A realização do I Colóquio Internacional de História da Arte CBHA/CIHA e a publicação desta coletânea só foram possíveis graças às subvenções obtidas junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Registre-se, também, o auxílio da Fundação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a cessão do espaço pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Contamos ainda, na ocasião, com o apoio de: Serviço Cultural do Consulado Geral da França em São Paulo, Embaixada da Áustria no Brasil, Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e Departamento de História (FFCLH) da Universidade de São Paulo. O colóquio foi incluído no calendário de eventos da USP - *Brasil 500 anos* e divulgado em vários países pelo *Comité International d'Histoire de l'Art*. A todas essas instituições, os maiores agradecimentos do Comitê Brasileiro de História da Arte.

São Paulo, verão de 2000